

# Reeleição ou Real?

JOSÉ SARNEY

P. 7

Vamos ter um ano de muitas decisões políticas. Essa é a perspectiva desde que o Governo se disponha a ter diretrizes exatas sobre sua base de sustentação política. Acredito que não há, entre os consultores e assessores mais estreitos do presidente da República, uma visão exata do problema. Hoje, fundamentalmente, a base da solução de todos os problemas é a política. Isto é, a sistematização capaz de organizar forças que possibilitem a tomada de decisões e as sustentem.

O fato mais importante do primeiro ano de governo do presidente Fernando Henrique foi sua

capacidade de construir uma base de sustentação política que assegurou a criação de confiança nos níveis externo e interno. Por outro lado, a unanimidade em torno da sustentação do Real fez com que os naturais conflitos políticos ficassem em segundo plano, porque havia uma causa maior.

O Real, as pesquisas apontam, é a eleição, é o Governo, é o presidente. Mas ele, agora, entra em uma nova fase. Passou o momento da emoção. Chegou a hora da razão. É necessário passar a receita de zerar o déficit público. Isso custa um alto preço político. A projeção de um crescimento de 3,5% é incapaz de absorver a massa de jovens que ingressa no mercado de trabalho e indica

uma incipiente recessão, sem falar na herança que 1996 já recebe de uma taxa de desemprego de 6%, com mais de um milhão de desempregados, só em São Paulo, e uma queda do PIB. Isto sem falar no saldo negativo de três bilhões na balança comercial e no crescimento da dívida pública de 84,1%, nem lembrar as insolvências de 1.286 empresas, só em São Paulo.

Acrescente-se a dificuldade do processo de privatização, que não pôde ser concretizado em 1995, cujo resultado pagaria a dívida interna. Mas, hoje, o crescimento desta está tão grande que a privatização passa a ser importante mais como reforma do Estado do que para diminuir o déficit público. Tudo isso nos diz que

não será mais a simples retórica do Real que resolveria os problemas que o Real vai enfrentar. Dentre eles, dois da maior gravidade, verdadeiras armadilhas: o câmbio e os juros.

Por isso, acho extremamente inoportuna a colocação feita ao presidente pelos governadores dos maiores estados do Brasil, procurando convencê-lo de que a prioridade é a reeleição. Acho um desserviço ao presidente essa colocação. O presidente teria dito que primeiro as reformas para segurar e consolidar o Real. E acho certa sua posição. Temos que pensar nas reformas conjunturais, pois elas serão os alicerces do futuro. Mas não descuidemos das profundas reformas de que o país precisa: do Estado, da educa-

ção, da saúde, de sua estrutura social injusta e desumana. Repensar o modelo de substituição de importações que acabou, suas licenças, e inverter as setas concentradoras de renda.

Colocar na cabeça do presidente que a batalha de opções é entre a reeleição prioritária e as reformas é não ajudar nem um pouco. A reeleição deve ser pensada no devido momento, dentro da visão de Estado, do mandato curto que não permite realizar um programa de governo. Examinar soluções como estender o mandato, tornando-o mais longo. Jamais tornar o problema como um instrumento casuísta de interesse partidário e pessoal.

A hora não é tão fácil como pode parecer. É necessário encarar

os problemas com responsabilidade e seriedade e não usar o presidente para solução de idiosincrasias pessoais, e o Governo para soluções artificiais e não muito condizentes com os nossos deveres morais para com a Nação.

O Congresso está disposto a manter seu apoio ao presidente no caminho das reformas de que o país necessita. Tem dado exemplos disso. Agora, não se pode dividir sua base de apoio, fragmentá-la, porque não será bom para o país.

O Governo queimou as caravelas para consolidar o Real. Não é tudo. É preciso saber ganhar a luta e construir novos tempos.

JOSÉ SARNEY é presidente do Senado.

O GLOBO

04 JAN 1996